LABORATÓRIO NACIONAL
DE ENGENHARIA CIVIL

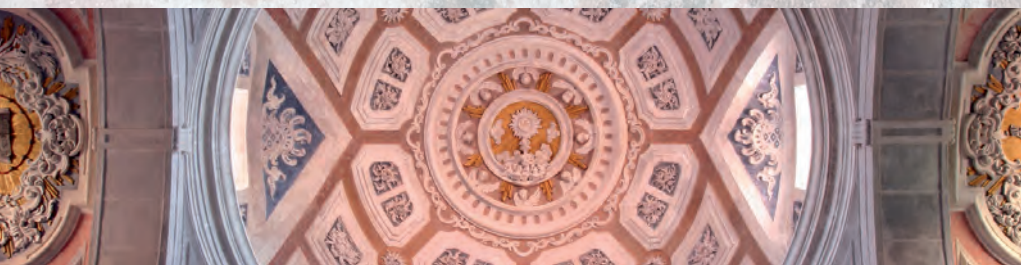
SEMINÁRIO
conservação e durabilidade de revestimentos históricos
técnicas e materiais compatíveis

Lisboa • LNEC 29-30 de maio de 2013

divulgação dos resultados do
PROJETO LIMECONTECH

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

universidade de aveiro
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
dgpc Direção-Geral do Património Cultural
Beja CÂMARA MUNICIPAL



AS TÉCNICAS TRADICIONAIS DE REVESTIMENTO DA REGIÃO DO ALGARVE

Marta Santos [1], José Aguiar [2]

[1] Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Pólo Universitário Alto da Ajuda, 1349-055 Lisboa, marta.rodrigues.santos@gmail.com

[3] Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Pólo Universitário Alto da Ajuda. 1349-055 Lisboa, jaguiar@fa.utl.pt

Palavras-chave: Revestimentos tradicionais; Materiais e Técnicas tradicionais; Salvaguarda; Algarve.

Sumário: A presente comunicação enquadra-se na investigação que integrou o projecto *Limecontech*, e que teve como principal objectivo o de analisar as diferentes técnicas de revestimento exteriores à base de cal – barramentos, fingidos, trabalhos de massa, esgrafitos e grafitos – na região do Algarve.

Pretendeu igualmente enquadrar as técnicas de revestimento nos modelos arquitetónicos da habitação vernácula do Algarve. Apresenta-se como exemplo a importação dos fingidos urbanos nas habitações serranas e a introdução generalizada de platibandas decoradas com ornatos em relevo e trabalhos de massa no barrocal algarvio.

A investigação também integrou os registos e a sistematização de um conjunto de testemunhos orais, de práticas de execução das técnicas construtivas junto de mestres caleiros, mestres construtores, caiadeiras e escaioladores. Estes testemunhos tornaram-se fontes essenciais para o conhecimento da temática, permitindo contextualizar os materiais, as técnicas construtivas, as ferramentas, as práticas e as indústrias artesanais no Algarve, em particular os fornos de cal existentes na região, permitindo interpretar a sua relação com o território e os processos locais de extracção e transformação do calcário.

Os revestimentos de acabamento à base de cal realizados com técnicas ancestrais, provinham de um conhecimento profundo, embora empírico, da selecção criteriosa e do uso das matérias-primas constituintes e existentes no local de extracção e das tecnologias de aplicação.

Esse conhecimento, enriquecido ao longo de gerações, constituiu um profundo conhecimento da própria técnica de revestimento permitindo-nos ainda hoje reconhecer excelentes exemplos cromáticos.

Actualmente nas intervenções em património construído, confrontamo-nos com o inevitável (re) conhecimento destas técnicas ancestrais, de forma a garantir a salvaguarda, a conservação e o adequado tratamento de lacunas.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo integra o projeto de investigação que resultou do desenvolvimento de uma dissertação de mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa[1] e que se inseriu no projeto de investigação "*Limecontech. Conservation and durability of historical renders: compatible techniques and materials*", liderado pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil (FCT LIMECONTECH PTDC/ECM/100234/2008) e ainda no projeto de Investigação DECivil FAUTL / CIAUD *Reabilitação do Parque Edificado – Regras de Boas Práticas* (REABOPRA).

Atualmente o projecto de investigação em torno dos revestimentos tradicionais da região do Algarve, conta o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia, acção co-financiada pelo Fundo Social Europeu através do Programa Operacional Potencial Humano (SFRH/BD/88732/2012)[2], centrando a investigação nos ornatos em relevo e trabalhos de massa, colmatando a lacuna existente na investigação destas tecnologias e contribuindo para a sua caracterização na arquitetura da região do Algarve.

O trabalho de investigação desenvolvido pretendeu contribuir para a salvaguarda e conservação dos revestimentos arquitetónicos realizados com técnicas ancestrais de construção na região do Algarve, atualmente em esquecimento, outrora muito utilizados, e que adquiriram especificidades muito particulares, manifestando-se através de barramentos, fingidos, esgrafitos, grafitos, caiações e pinturas.

Os revestimentos arquitetónicos, sendo também uma camada sacrificial do paramento da construção e que engloba as mais variadas expressões construtivas, figurativas e artísticas como os barramentos e as pinturas, são hoje reconhecidos como um valor patrimonial, fazendo parte integrante da leitura da imagem urbana, da autenticidade de um conjunto edificado e como testemunho dos saberes construtivos.

Estas técnicas propagaram-se pela região do Algarve através do ensino na esfera familiar e da mestria de artífice. Mas se antes estes saberes pertenciam a um conhecimento empírico, popular e artesanal, de quem os executava e de quem os mantinha, intervir agora nestas construções requer mão-de-obra especializada, com conhecimentos de compatibilidades entre materiais e adequada execução das técnicas ancestrais de revestimento.

A evolução das teorias de salvaguarda e de conservação dos revestimentos arquitetónicos permitiram a consolidação das formas de protecção e politicas de salvaguarda, afirmando-se como prática fundamental na intervenção em centros históricos [1].

---

[1] Investigação integrada no Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, resultando na dissertação de mestrado intitulada de "*As superfícies arquitectónicas da região do Algarve: Contributos para a salvaguarda dos revestimentos tradicionais*" com orientação do Doutor José Aguiar (Professor Associado da FAUL).

[2] Integrado no Doutoramento em Arquitectura, Conservação e Restauro da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, com o projecto de investigação intitulado de "*Conservação de superfícies arquitectónicas da região do Algarve: Os ornatos em relevo e os trabalhos de massa*", com orientação do Doutor João Pernão (Professor Auxiliar da FAUL) e co-orientação do Doutor José Aguiar (Professor Associado da FAUL) e do Doutor Miguel Reimão Costa (Professor Auxiliar da UALG).

Portugal, tem atuado com várias abordagens para a salvaguarda das suas superfícies, atuando em acções de reabilitação urbana, em programas de salvaguarda de centros históricos [2], em projetos de investigação científica [3] e em acções pontuais de sensibilização.

Progressivamente, a reabilitação urbana tornou-se numa importante política de requalificação, e surge hoje como um dos principais objetivos do planeamento urbano e do ordenamento do território e onde se procura desenvolver um conjunto de acções que, de forma coerente e articulada, potenciam o desenvolvimento sustentado, os fatores de qualidade ambiental e de coesão social e territorial [4].

Alguns trabalhos de investigação mais recentes, realizados por investigadores que integram projetos de investigação científica ou inseridos em programas de doutoramento [5, 6, 7] e de mestrado [8], têm dado importantes contributos para o conhecimento dos revestimentos arquitetónicos, contribuindo com abordagens e metodologias para a sua conservação.

Em Portugal regista-se também a consolidação das disciplinas da conservação e salvaguarda do património nos currículos académicos em diversas áreas disciplinares, testemunhando a preocupação para a prática da conservação das superfícies arquitetónicas.

Figuras 1 a 3: Avenida José Costa Mealha, Loulé, 1946 [CML]; Conjunto de duas edificações localizadas na EN125 no sítio do Marim, Olhão [MS]; Platibanda com barramentos, ornatos em relevo e trabalhos de massa, em edifício localizado na EN 125 na aldeia da Luz de Tavira, Tavira. [MS].

Neste estudo sobre os revestimentos arquitetónicos na região do Algarve [9] verificou-se que, embora em alguns municípios implementassem algumas acções de salvaguarda, na sua maioria, verifica-se a ausência de uma metodologia de intervenção para a salvaguarda dos revestimentos preconizada nas atuais intervenções de reabilitação [2]. A escassa realização de estudos científicos necessários para a caracterização dos revestimentos antigos, a insuficiente análise histórica dos suportes arquitetónicos e dos revestimentos associados, a validade da informação recolhida ou a concretização de levantamentos pouco operativos, têm igualmente dificultado a transmissão do processo científico para o processo de projeto / obra.

São ainda muito pontuais as iniciativas para a prática da conservação, integrando as acções de sensibilização, aperfeiçoamento e formação, e alargada a toda a comunidade (técnicos, proprietários e moradores), garantindo de forma continuada a preservação e salvaguarda dos revestimentos arquitetónicos.

São fatores que têm dificultado a implementação de algumas das acções de salvaguarda que vão sendo preconizadas e que tem desencadeado nas últimas décadas, ao acelerado desaparecimento dos mais interessantes exemplos patrimoniais de uma região.

2. METODOLOGIA DE TRABALHO

Figuras 4 a 7: Mestre pintor Vítor Falcão [MS]; Mestre caleiro António Brito (aldeia de Santa Rita, freguesia de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António) [MS], caleira Maria Inácia (aldeia de Cachopo, concelho de Tavira) [MS], mestre escaiolador Ricardino Eugénio (aldeia de Paderne, concelho de Albufeira) [MS].

A primeira fase da investigação [9] propunha o entendimento das diversas técnicas de revestimento arquitetónico, realizados com técnicas tradicionais de construção, na região do Algarve.

Neste estudo prévio havia sido iniciado um levantamento das diversas técnicas de revestimento existentes na região, numa tentativa de reconhecer estas tecnologias como parte integrante do património construído e como elemento indissociável da arquitetura civil da região.

Não obstante da investigação previamente realizada, continuam a permanecer lacunas nesta área do conhecimento, persistindo interrogações em torno da definição do *corpus* das técnicas tradicionais de revestimento na região, em particular no conhecimento do reportório ornamental, nas suas distintas influências e do relacionamento das praticas locais com outras "escolas" exteriores assim como do levantamento e identificação das diversas técnicas de ornatos de relevo e trabalhos de massa, e que no projeto de investigação que está a decorrer se pretende aprofundar.

A metodologia utilizada na primeira fase da investigação baseou-se na estratégia de estudos de caso utilizando métodos qualitativos, atuando através da observação direta, estudo de casos e pesquisa.

A investigação sobre os revestimentos tradicionais na arquitetura vernácula está logo à partida limitado relativamente aos dados escritos de que se dispõe. É na sua maioria inexistente ou bastante reduzido no contexto geográfico que este estudo se insere.

O estudo dos exemplares que integram a arquitetura erudita da região pode fornecer alguns indicadores acerca do objeto do estudo, permitindo-nos uma aproximação cronológica ao seu contexto histórico e consequentemente determinar indicadores relativos à sua execução (nomeadamente os dados do encomendador, dos executantes, das técnicas de execução aplicadas e eventualmente os custos associados); muitos dos exemplos já analisados, integram-se como elementos da arquitetura vernácula da região, na designada de "*arquitetura sem autor*", o que torna difícil de obter, à partida, fontes documentais escritas ou projetos desenhados que registem estas edificações.

Neste sentido, o apoio através de desenho de detalhe e de fontes iconográficas (registos fotográficos e documentais de diferentes épocas), o trabalho de campo através do registo do edificado, articulando-se com a

recolha de testemunhos orais das técnicas de execução junto de mestres artesãos e construtores, tornam-se ferramentas essenciais para o melhor entendimento do objeto de estudo.

A recolha de dados dos testemunhos, e posterior tratamento e sistematização, teve como instrumento metodológico, um guião de recolha de testemunhos orais e as respetivas fichas de informante, fichas de registo vídeo e áudio e fichas de inventário.

As entrevistas variaram entre o tipo diretiva e do tipo entrevista livre (conforme a oportunidade da recolha e melhor resposta do inquirido). Para alguns dos entrevistados, por se constituírem como informantes privilegiados para a investigação, privilegiou-se o método de "*História de vida*", permitindo explicitar os conhecimentos subjacentes da sua prática profissional e o (seu) enquadramento cultural para o sujeito e seu meio.

3. A IMPORTÂNCIA DO REGISTO DAS TÉCNICAS E MATERIAIS TRADICIONAIS

A salvaguarda patrimonial tal como nós hoje a configuramos, na concepção de preservar testemunhos relevantes do passado, para fruição do presente e para informação/ legado das gerações vindouras, expandiu-se e diversificou-se abrangendo diversas expressões culturais da nossa sociedade

Nas atuais reflexões que agora se consagram pela Unesco, através da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial[3], os "objetos" patrimoniais a salvaguardar são não só os produtos e as práticas, como também as representações, as expressões, os conhecimentos e as aptidões, que são reconhecidos, recriados e transmitidos geracionalmente pelos seus detentores.

O elogio do itangível alerta para a urgência em "*dar voz*" às comunidades, em ir ao encontro dos "*fazedores*" dos patrimónios, de olhar para as práticas e coisas comuns, presentes, vivas, e que continuam a fazer sentido para as comunidades, grupos e indivíduos.

Os espaços culturais, a arquitetura, os objetos, utensílios e artefatos ganham "*vida espiritual*", vivendo para além da sua materialidade, cristalizando em si as imaterialidades dos seus autores, dos seus celebradores e dos seus contextos sociais e culturais.

De forma a garantir a salvaguarda das competências, os conhecimentos, e os contextos necessários à sua produção patrimonial, têm sido desenvolvidos contributos, centrados na investigação os aspetos da dimensão imaterial (formas de criação e manifestação, usos sociais, …) dos saberes associados às tecnologias tradicionais de construção [10].

Conscientes da importância que a salvaguarda que o *saber – fazer* detém para a conservação do património arquitetónico, já se encontram integrados na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da

[3] UNESCO, 2003, Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Decreto n.º 28/2008 de 26 de Março, Diário da República n.º 60, 1685-1704. Outros documentos poderão ser também consultados em www.unesco.org/culture/ich e www.matrizpci.imc-ip.pt

Humanidade alguns projetos de referência neste domínio de estudo, nomeadamente relativos à produção artesanal de cal[4] e os conhecimentos associados às tecnologias construtivas com recurso a madeira[5].

As atuações em torno dos processos de patrimonialização, nos atuais enquadramentos normativos e legislativos, integrando as manifestações nas diversas formas que compreendem o património arquitetónico e a sua dimensão imaterial revelam-se complexas e exigentes [11], mas também fundamentais para a definição de estratégias que melhor permitam trabalhar com as populações locais na salvaguarda dos seus patrimónios, respeitando a sua diversidade cultural e as possibilidades de um desenvolvimento mais sustentável.

4. ENQUADRAMENTO DOS REVESTIMENTOS ARQUITETÓNICOS NA ARQUITETURA DA REGIÃO DO ALGARVE

A prosperidade económica que por vezes alcançou a região Algarvia em diferentes momentos históricos, pela exportação dos produtos agrícolas, pela intensa atividade piscatória e conserveira, dotar a maioria dos centros históricos algarvios de exemplos significativos dessas fases de desenvolvimento urbano e arquitetónico [12]. Esses distintos contextos históricos irão marcar o crescimento e a transformação da cidade que o edificado inevitavelmente realça, traduzindo-se na construção de casarios reveladores de prosperidade económica, i.e. caraterizados pelo recurso a uma maior exuberância de cor, a introdução de elementos ornamentais e decorativos, tais como os trabalhos de massa em relevo em muitas fachadas.

Nos assentamentos rurais do Baixo Algarve, alguns estudos referem a recorrência de soluções arquitetónicas e construtivas consolidadas durante o Antigo Regime e que se mantiveram até meados do século XX [12]. Os montes de nobreza algarvia, introduzindo o "*desenho de fachada*" expressando na frontaria as marcas de identificação de uma elite, e a introdução de modelos de "casa urbana" na propriedade rural, introduzem novos reportórios decorativos arquitetónicos, com revestimentos de ornatos de relevo e trabalhos de massa de elevado interesse patrimonial. Este enriquecimento formal também sucede em montes do lavrador mais remediado, cuja habitação é quase sempre apresentada apenas com recurso à caiação como revestimento parietal, mas que se enriquece recorrendo ao uso das "*massas de pedra*" (designação dada por mestres estucadores quando se referem às argamassas de revestimento para a execução dos ornatos em relevo e trabalhos de massa), simulando as cantarias e ornamentos executados em pedra e que seriam de difícil aquisição [13].

---

[4] O projecto de "*Revitalization of the traditional craftsmanship of lime-making in Morón de la Frontera, Seville, Andalusia*" integra a Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade desde 2011, no domínio de "programas, projectos e actividades de salvaguarda do Património Cultural Imaterial", conforme previsto no art. 18º na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Decreto n.º 28/2008 de 26 de Março.

[5] Os saberes associados à construção de madeira, nomeadamente os projectos "*Chinese traditional architectural craftsmanship for timber-framed structures, China*", "*Traditional design and practices for building Chinese wooden arch bridges, China*" e o "*Daemokjang, traditional wooden architecture, Republic of Korea*" integram a Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade desde 2009 e 2010 respectivamente.

A arquitetura do barrocal, influenciada pela dinâmica cidade - campo, irá também importar determinados elementos arquitetónicos, revelando também agora no campo, essa influência dos modelos da cidade [12]. As propriedades agrícolas do barrocal, constituíam-se como pólos importantes na economia agrícola algarvia abastecendo os mercados locais, regionais e importando igualmente para fora do país parte expressiva dos seus produtos.

Figura 8: Representação da região do Algarve com indicação de alguns dos exemplos de revestimentos arquitetónicos tradicionais : 1 – Lagos; 2 – Monchique; 3 – Aldeia de Paderne, Albufeira; 4 – Loulé; 5 – Monte da Catraia, Cachopo, Tavira; 6 – Monte das Laranjeiras, Alcoutim.

Naturalmente que as casas rurais também se desenvolveram revelando essa prosperidade. A escala da habitação altera-se, alcançando uma maior cércea, sublinhando a marcação de vãos e integrando um desenho de maior complexidade.

Os revestimentos arquitetónicos integram aqui a continuidade desta gramática arquitetónica, utilizando reportórios decorativos e construtivos de progressiva complexidade, recorrendo a soluções mais eruditas, como os esgrafitos, às pinturas de fingimento e decorativas e aos ornatos em relevo e trabalhos de massa, os revestimentos mais privilegiados no Sul para este processo de nobilitação dos acabamentos das fachadas das construções.

O período de oitocentos surge também como momento marcante na arquitetura doméstica do Algarve, revelando o poder regulador e legislativo na arquitetura [12], pela criação de importantes diplomas legisladores e que terão

um impacto imediato na arquitetura e no urbanismo das cidades da região. Apresenta-se apenas como exemplo dois momentos: o Código de Posturas de 1848 que exigirá à entidade reguladora o de examinar "*o alinhamento de fachadas*" e o seu "*aformosamento*", sob pena de sanções pesadas e demolição do edifício, e o Código de Posturas de 29 de Julho de 1872 (art.33º) que exige "*em todas as casas situadas em ruas, praças e logares públicos, (…) a recolher as aguas pluviaes ou quaesquer outras dos telhados ou varandas de suas casas e a conduzi-las em canos cobertos pela parede até ao nivel do chão*" [12], e que irá promover a recorrência de um plano cego para o necessário remate de cobertura. A platibanda passa por isso a vigorar como um elemento a integrar o modelo arquitetónico e de suporte da ornamentação.

Outros momentos reguladores surgiram posteriormente, e que irão promover campanhas de renovação do edificado e de receituários estéticos que marcarão a arquitetura da região. Algumas destas transformações da imagem da arquitetura e a influência de alguns dos modelos do Baixo Algarve também se estenderão ao contexto serrano, através da designada casa de fachada e da casa no monte de lavrador, com o recurso a platibandas e chaminés rendilhadas, e introduzindo revestimentos arquitetónicos nas fachadas principais da habitação [13].

O assentamento na serra caracteriza-se por um pequeno aglomerado, que resulta de um processo de agregação de diferentes células – que correspondem aos usos necessários à habitação e parca produção rural – distribuídas com lógicas muito próprias e articuladas com as dificuldades deste meio envolvente.

Embora sejam bastante mais escassos os exemplos de revestimentos arquitetónicos, por comparação com as casas do barrocal e as de contexto urbano, verificamos que quando existem, integram na sua maioria, estes tipos de "*casas de lavrador*" e as "*casas de fachada*" [13]. A "*casa de lavrador*", revela e realça algum desafogo económico por comparação à pobreza das edificações dos restantes moradores, a "*casa de fachada*" constrói e ornamenta um cenário de frente-estrada, ou de rua-caminho, que configura arquitectonicamente ao estilo e modas dos tempos, o limite que ladeia as vias principais, tornando-se uma morfologia de "rotas viárias" que exalta o potencial figurativo e formal destes tipos de expressões de fachada com os seus revestimentos arquitetónicos particulares.

Algumas prospecções realizadas pela região puderam revelar, nomeadamente nas áreas rurais do concelho de Albufeira (na caso particular da freguesia de Paderne) e no concelho de Loulé (em particular no eixo viário entre São Brás de Alportel e Loulé), a existência de revestimentos arquitetónicos de elevado interesse formal e técnico que se enquadram na área de residência e, portanto da previsível atuação, de um conjunto significativo de mestres construtores especializados. Surgiram assim grupos de exemplares que revelam diferentes "escolas" locais, ou melhor, reportórios de autores locais, que gradualmente se começam a delimitar através do estudo comparativo (técnico e formal) permitindo organizar conjuntos de produções significativas, sobretudo nos concelhos de Faro, Albufeira, São Brás de Alportel e Loulé.

5. AS TÉCNICAS TRADICIONAIS DE REVESTIMENTO NA REGIÃO DO ALGARVE

Descrevem-se seguidamente de forma necessariamente sucinta as principais técnicas de revestimento que integraram o estudo, nomeadamente barramentos, fingidos, esgrafitos e ornatos em relevo e trabalhos de

massa. São ainda esquematizados as principais etapas de execução que foram recolhidas por testemunho directo obtido junto de mestres escaioladores.

5.1 Barramentos

A técnica de barramento é referida nos registos orais realizados junto dos mestres construtores como as últimas camadas finais de acabamento que serviriam para terminar os rebocos, realizadas com pasta de cal, adições de pó de pedra ou de outros finíssimos e criteriosos agregados, e também, por vezes, de pigmentos.

Verificamos também a introdução de agregados de cores criteriosamente seleccionadas de acordo com os pigmentos seleccionados no barramento (por exemplo a adição de pigmento almagre vermelhado rosado com a adição de delicados seixos rosas), que após a aplicação dos últimos extratos eram terminados com as etapas de brunir e de polimento, que permitiam simular, de forma muito delicada, o fingimento a pedra.

Esta técnica de revestimento, de textura muito lisa ou ligeiramente rugosa deixada pelo texturado da ferramenta ou do cuidadoso polimento das massas empregues, com adição a pigmento ou a cor natural, permitia fingir de forma exemplar os elementos construtivos e compositivos do edifício – como no guarnecimento dos quadros dos vãos, remates laterais da fachada, remates de cobertura e cintas de marcação de pisos.

Figuras 9 a 11: Quinta dos Frades, freguesia de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António [MS]; Paramento no monte dos Silgados, freguesia de Paderne, concelho de Albufeira [MS]; Mestre escaiolador Joaquim Guerreiro Custódio (Luz de Tavira, Tavira) [MS].

Por vezes combinam-se os acabamentos texturados em conjugação com os lisos, variando a cor e o brilho, formando contrastes delicados entre o alto / baixo revelo, podendo também associar-se a sublinhados formais executados com as técnicas de esgrafito e aos de trabalhos de massa (em relevo).

Quadro 1: Esquematização das principais etapas de execução, a partir de dados recolhidos em testemunho, da técnica de barramento (com base em recolhas de saberes locais)

Etapas	Descrição das tarefas
1	Garantir que a superfície está preparada para receber o revestimento final – camadas finas de pasta de cal e granolometria variada, sendo que os agregados deveram ser de granolometria menor à medida que se caminha para o exterior, e os rebocos mais ricos em ligantes. Não deverá ser excedido o traço de 1 de pasta de cal para 3 de areia.
2	Execução das últimas camadas do acabamento: aplicação de finas camadas em pasta de cal e pigmento, não devendo ser superior a 1 mm de espessura, alisada à colher e apertada após tempo adequado de descanso.
3	Aperto da massa após os tempos adequados de descanso, humedecendo a talocha de madeira e apertando a massa em movimentos circulares.

4	Repetir o processo, com os devidos tempos de descanso da massa.
5	Após o descanso da massa, bater a superfície com a *boneca* de pano com pó de talco.
6	Com a ponta dos dedos em movimentos circulares, introduzir delicadamente o pó de talco nos poros ainda existentes.
7	Com o colherim de afagar, brunir pressionando com a ponta dos dedos a extremidade da colher, em movimentos circulares, apertando a massa.
8	Nalgumas situações poderá terminar-se com a passagem do pano de flanela húmido em movimentos circulares, de forma a retirar algumas marcas deixadas pela colher, permitindo também uma superfície mais polida e puxando o pigmento para o exterior.
9	A execução do barramento liso dava-se por concluída.

5.2 Fingidos

Os revestimentos com técnica de fingido, são formas de simulação de materiais de difícil aquisição – como pedras e madeiras de qualidade – executados a fresco ou a seco, sobre vários tipos de suporte – alvenaria, rebocos, barramentos, estuques, e até sobre pedra e madeira, numa gramática fingida da arquitetura.

Figuras 12 a 14: Edifício localizado na aldeia de Santa Rita, freguesia de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António [MS]; Paramento com técnica a fresco de "fingido" localizado na freguesia de Alportel, concelho de São Brás de Alportel [MS]; Paramento com técnica a fresco de "fingido" localizado na freguesia de Paderne, concelho de Albufeira [MS].

Os fingidos a fresco analisados, são na sua maioria fingimentos de pedra, com marcação da estereotomia, com cores aplicadas ainda com a massa fresca, com o auxílio de um lápis de carvão, que ligeiramente pressionados, de forma a não magoar as camadas anteriores, marcavam as geometrias das superfícies.

Os elementos fingidos poderão apresentar motivos variados – de representação da pedra pretendida – utilizando uma grande diversidade de desenhos, de traçados, obtendo profundidades diferentes a cada distância. A sua complexidade de desenho, destreza manual na execução do fingido, o aperto da massa, o polimento, eram fatores distintivos da assinatura do mestre e da família a quem correspondia tal domínio desta arte.

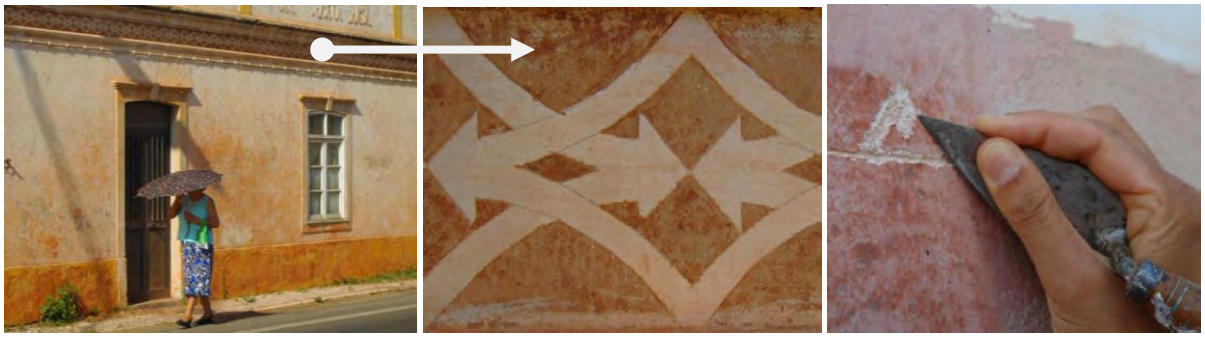
A aplicação criteriosa dos pigmentos da base, sobrepondo-lhes a de representação dos veios da pedra, para melhor simulação do material e reprodução dos elementos pretendidos, engrandeciam a composição, com delicados trabalhos cromáticos, imitando materiais mais nobres numa linguagem dos fingimentos arquitetónicos e que se torna um factor identitário na leitura da imagem urbana destes núcleos históricos.

Quadro 2: Esquematização das principais etapas de execução, a partir de dados recolhidos em testemunho, da técnica do fingido (recolha de saberes locais)

Etapa	Descrição das tarefas
1	Garantir que a superfície está preparada para receber o revestimento final – camadas finas de pasta de cal e granolometria variada, sendo que os agregados deveram ser de granolometria menor à medida que se caminha para o exterior, e os rebocos mais ricos em ligantes. Não deverá ser excedido o traço de 1 de cal aérea para 4 de areia.
2	Execução da última camada do acabamento: aplicação de uma fina camada de pasta de cal, não devendo ser superior a 1 mm de espessura, alisada à colher e apertada após tempo adequado de descanso.
3	Apertar a massa, após os tempos adequados de descanso, humedecendo a talocha de madeira e apertando a massa em movimentos circulares.
4	Repetir o processo, com os devidos tempos de descanso da massa.
5	Com a massa ainda fresca, e com o auxílio da régua – com a parte biselada encostada ao suporte sem pressionar em demasia, marcar a lápis de carpinteiro - marcação sem magoar a camada imediatamente anterior - a estereotomia pretendida.
6	Preparação dos pigmentos – da base e dos veios: os pigmentos devem ser misturados com água de cal, numa proporção que não deve exceder os 3%. Deve ter-se em atenção que não deve ser adicionado nem pigmento em demasia nem água de cal com leite de cal por esbater a cor do pigmento, tornando o fingido esbranquiçado ao fim de alguns dias.
7	Com a massa ainda fresca, com o apoio de uma trincha proceder à pintura de base, na mesma direcção de cima para baixo.
8	Com pincéis mais finos, com a utilização de pigmentos de cores mais fortes e contrastantes, representar os veios da pedra.
9	Repetir o processo com outras representações com o apoio de outros utensílios.
10	Proceder se necessário à passagem novamente da trincha no suporte – só com água de cal – para esbater os veios.
11	Após o descanso da massa, bater com a *boneca* de pano com pó de talco, a superfície.
12	Com a ponta dos dedos em movimentos circulares, introduzir delicadamente o pó de talco nos poros ainda existentes.
13	Com a colher de estucador, brunir pressionando com a ponta dos dedos a extremidade da colher, em movimentos circulares, apertando a massa.
14	Em algumas situações poderá terminar-se com a passagem do pano de flanela húmido em movimentos circulares, de forma a retirar algumas marcas deixadas pela colher, permitindo também uma superfície mais polida e puxando o pigmento para o exterior.
15	Poderá ser aplicada cera, com polimento, garantindo um lustroso acabamento.
16	A execução do fingido com técnica de fresco dava-se por concluída.

5.3 Esgrafitos

O esgrafito é uma técnica decorativa realizada através da extracção da última camada de revestimento, *arranhando* a superfície, tornando visível a rugosidade da camada imediatamente subjacente. A técnica de esgrafito poderá recorrer a duas camadas de argamassa ou a simplesmente a uma, ou também por vezes aplicando como camada final uma simples caiação.



Figuras 15 a 17: Edifício localizado em Alcantarilha, concelho de Silves [MS]; Pormenor de esgrafito [MS]; Esgrafito localizado no cunhal de edifício localizado no sítio do Monte Velho, concelho de Loulé [MS]; Execução de esgrafito [MS].

A remoção da última camada é realizada através de utensílios pontiagudos ou estiletes metálicos, executada a fresco, com a camada final ainda macia. Em alguns exemplos a camada intermédia de argamassa é deixada com a própria cor (da argamassa simplesmente raspada), noutros casos era ainda pintada esta superfície recorrendo a pigmentos normalmente mais escuros.

Esta técnica decorativa mural faz parte integrante da gramática arquitetónica do edifício, contribuindo para a sua leitura construtiva, sendo usualmente executados - nos exemplos encontrados - nas zonas de remates da construção, como cunhais, pilastras, socos, ombreiras, cantarias.

Nos exemplos já estudados, verificamos que as diversas camadas de argamassa de revestimento são, em tudo semelhantes às técnicas anteriormente genericamente referidas – com diminuição da granolometria dos agregados e aumento da percentagem da pasta de cal á medida que se caminha para a última camada de revestimento - sendo que a penúltima camada é a que se constitui na superfície de contraste.

Dos diversos exemplos observados, a técnica utilizada mais frequentemente é o esgrafito que apresenta o fundo (2ª camada) sem adição de pigmento, sendo criteriosa a selecção dos agregados, para melhor simulação do material e reprodução dos elementos pretendidos, como os fingimentos de cantarias de pedras, remates e elementos decorativos, engrandecendo uma arquitetura dita pobre, imitando assim materiais mais nobres numa linguagem dos fingimentos e que tanto contribui para a leitura da imagem urbana dos centros históricos.

A maioria dos esgrafitos analisados, observados a *olho nu*, a partir do exterior, mantêm a sua função decorativa e encontram-se geralmente nos remates de coberturas: cornijas, platibandas e soco, nos remates laterais: pilastras e cunhais e nos remates de elementos de fachada: fingindo vãos emoldurados de pedra ou trabalhos em argamassa.

Verifica-se também que muitos dos exemplos encontram-se cobertos com pinturas posteriores, fazendo desaparecer as linhas de incisão e de corte e as texturas das argamassas, anulando os detalhes dos motivos decorativos, interferindo na sua leitura e afectando o valor dos conjuntos arquitectónicos e urbanos.

Quadro 3: Esquematização das principais etapas de execução, a partir de dados recolhidos em testemunho, da técnica do esgrafito (recolha de saberes locais)

Etapas	Descrição das tarefas
1	Garantir que a superfície está preparada para receber o revestimento final – camadas finas de pasta de cal e granolometria variada, sendo que os agregados deveram ser de granolometria menor à medida que se caminha para o exterior, e os rebocos mais ricos em ligantes. Não deverá ser excedido o traço de 1 de cal

	aérea para 4 de areia.
2	Execução da última camada do acabamento: aplicação de uma fina camada em pasta de cal, não devendo ser superior a 1 mm, alisada à colher e apertada após tempo adequado de descanso. A técnica do esgrafito combina com a técnica do fresco, sendo as mesmas similares até à execução da camada final.
3	Desenho sobre um papel vegetal, ou através de moldes ou cartões -base do motivo decorativo pretendido, sobre o qual é picotado o contorno do motivo a esgrafitar. Esta incisão deverá ser realizada ainda quando a massa de encontra fresca (macia).
4	A incisão do motivo poderá ser realizada com estiletes metálicos, roda dentada ou recorrendo a outros utensílios pontiagudos.
5	Passagem do desenho sobre o suporte utilizando uma *boneca* de flanela com pigmento.
6	Remoção do papel vegetal ou do suporte que serviu de molde.
7	Com a marcação do motivo no suporte, redefine-se com a utilização de um bisturi, colherim pontiagudo ou outro utensílio.
8	Raspagem da camada superficial com a utilização de colherim pontiagudo, teque, ou outro utensílio adequado. Adverte-se para o extremo cuidado a ter na remoção da camada, evitando a raspagem excessiva e degradando as camadas de constituem o suporte.
9	Nalguns casos a execução do esgrafito dava-se por concluída, noutros a superfície recuada era ainda pintada a tinta de cal, geralmente recorrendo a pigmentos mais escuros, reforçando o contraste entre alto - baixo relevo entre as argamassas constituintes, dando revelo e volume ao motivo decorativo.

5.4 Ornatos em relevo e trabalhos de massa

Os ornatos em relevo e os trabalhos de massa referem-se aos designados "estuques exteriores", ou referidos localmente junto de mestres construtores por "*massas de pedra*" ou "*massas de pedreiro*" e que se caracterizam por incorporarem uma criteriosa selecção de agregados, executados por modelação e raspagem das massas ainda frescas, ou por recurso a moldes, ornamentando com relevos as fachadas, ou para simular as ornamentações dispendiosas executadas em pedra.

Figuras 18 a 20: Edifício localizado no monte da Catraia, freguesia de Cachopo, concelho de Tavira [MS]; Pormenor de remate de platibanda em edifício localizado em Faro [MS]; Execução de um ornato em relevo [MS].

Os trabalhos de massa são parte integrante da linguagem arquitetónica do edifício, marcando os seus elementos estruturais introduzindo pontualmente elementos decorativos, como por exemplo nos casos mais exuberantes das verdadeiras telas artísticas das platibandas.

Os elementos de massa surgem, quase sempre associados a um cuidadoso desenho compositivo da fachada e marcação dos seus limites: i) remate lateral: pilastras, cunhais; ii) remate cobertura: cornijas, platibandas, soco;

iii) remates elementos de fachada: guarnecimento de vãos correspondendo no contexto urbano a importantes frentes urbanas de referência.

Muitas destas técnicas foram adulteradas por reparações ignorantes, a maioria das que ainda conservam inalteradas e autênticas, por estarem expostos aos agentes agressivos climatéricos, e pela falta de acções de consolidação, nos exemplos ainda subsistentes encontram-se ao abandono e demasiadas em avançado estrado de degradação.

Eram executados com o auxílio de moldes em madeira, que por subtracção da massa existente (zonas de depressão da argamassa) ou por adição (zonas salientes) eram moldados e esculpidos autênticos testemunhos construtivos, das técnicas empregues, identificando o seu proprietário e mestre construtor.

Quadro 4: Esquematização das principais etapas de execução, a partir de dados recolhidos em testemunho, da técnica de execução de ornatos em relevo e trabalhos de massa modelados *in situ* (recolha de saberes locais).

Etapas	Descrição das tarefas
1	Garantir que a superfície está preparada para receber o revestimento final – camadas finas de pasta de cal e granolometria variada, sendo que os agregados deveram ser de granolometria menor à medida que se caminha para o exterior, e os rebocos mais ricos em ligantes. Não deverá ser excedido o traço de 1 de cal aérea para 3 de areia.
2	Execução da última camada do acabamento: aplicação de uma fina camada em pasta de cal, não devendo ser superior a 1 mm, alisada à colher e apertada após tempo adequado de descanso.
3	Garantir que a superfície se encontra limpa e lisa permitindo o *molde correr*. Humedecer previamente a superfície e o molde.
4	Marcação dos pontos de referência nas extremidades e marcação de linha. Fixação de régua pela marcação de linha.
5	Colocação de massa de enchimento, constituída por pasta de cal com agregados finos num traço de 1:3. *Correr o molde* cortando a massa, retirando o excedente e humedecendo o molde.
6	Repetir o processo do ponto 7 mas com traço de 1:2. Remoção da régua de suporte que serviu de apoio.
7	Com a marcação do ornato no suporte, redefine-se com a utilização de um bisturi, colherim pontiagudo ou outro utensílio.
8	Nalguns casos a execução do trabalho de massa dava-se por concluída, noutros a superfície recuada era ainda pintada a tinta de cal, geralmente recorrendo a pigmentos mais escuros, reforçando o contraste entre alto - baixo relevo entre as argamassas constituintes, dando revelo e volume ao ornato.

6. CONCLUSÃO

Embora se tenha vindo a assistir a um conjunto alargado de contributos para a salvaguarda dos revestimentos arquitetónicos históricos, e aos benefícios do aumento do conhecimento que a ciência da conservação tem disponibilizado, verificamos com base nos estudos que desenvolvemos na região do Algarve, a permanência de graves lacunas nos cuidados básicos a ter e a necessidade de uma urgente campanha de conservação das superfícies arquitetónicas desta região.

Figuras 21 a 24: Atividades “Da natureza nascem as casas”, realizada na aldeia de Paderne, concelho de Albufeira em Julho de 2007 e em Julho de 2006 [MS]; Atividade “Materiais e técnicas de construção tradicional”, realizada na aldeia de Cachopo, concelho de Tavira, em Novembro de 2007 [MS]; Atividade “A cal e a cor na arquitetura vernácula. Saberes na aldeia de Santa Rita”, realizada na aldeia de Santa Rita, freguesia de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António em Setembro de 2013 [MS].

Ainda hoje se verifica algum desconhecimento teórico - construtivo, sobretudo nos técnicos projectistas e nos construtores locais, que provocam grandes dificuldades de implementação *in situ* de estratégias de salvaguarda de revestimentos arquitetónicos, afectando a eficácia de intervenções de reabilitação, na prática comprometendo por vezes irreversivelmente algumas das suas concretizações.

Estas superfícies constituem-se como camadas expressivas de relevante valor cultural mas também de sacrifício para salvaguardar a construção, e por isso são sujeitas a importantes solicitações, para garantir a eficiente protecção das alvenarias, o que nos deveria obrigar a uma mais sistemática prática da manutenção e da conservação.

No Algarve ainda hoje é possível recolher testemunhos, junto dos mestres construtores, das técnicas de execução destes revestimentos e de registar um número significativo de exemplares produzidos por toda a região. O trabalho de investigação agora iniciado permitiu já reunir um conjunto significativo de testemunhos junto de mestres caleiros, mestres construtores, caiadeiras e escaioladores; tarefa que se tornou essencial, para podermos contextualizar as técnicas, as ferramentas, as específicas práticas construtivas artesanais da região do Algarve.

Rejuvenescer estes saberes, estudá-los, registá-los e devolve-los futuramente à comunidade que os gerou é garantir a possibilidade de, no futuro, podermos reabilitar práticas construtivas fundamentais para a salvaguarda de valores culturais relevantes para a especificidade regional e local, é também um importante contributo para uma conservação (mais) integrada.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] AGUIAR, José - *Cor e cidade histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. Porto: FAUP, 2002.

[2] PINHO, Ana - *Conceitos e políticas europeias de reabilitação urbana. Análise da experiência portuguesa dos Gabinetes Técnicos Locais*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2008. Tese de doutoramento em planeamento urbano.

[3] VEIGA, Maria do Rosário - *Conservação e reparação de revestimentos de paredes de edifícios antigos. Métodos e materiais.* 1.ª edição. Lisboa. Edição LNEC, 2009, 230 p.

[4] PAIVA, José Vasconcelos [et al.] - *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Volume 1 e 2. Lisboa: Instituto Nacional de Habitação e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2007.

[5] SALEMA, Sofia - *O corpus do esgrafito no Alentejo e a sua conservação. Uma leitura sobre o ornamento na arquitectura*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2012. Tese de doutoramento em arquitectura.

[6] VIEIRA, Eduarda Moreira da Silva - *Técnicas tradicionais de Stuccos em revestimentos de interiores portugueses. História e tecnologia - Aplicação à conservação e restauro*. Valencia: Universidad Politécnica de Valencia, Facultad de Bellas Artes, 2008. Tese de doutoramento.

[7] DUARTE, Milene Gil - *A conservação da pintura mural nas fachadas alentejanas, estudo científico dos materiais e antigas tecnologias da cor.* Évora: Universidade de Évora, 2010. Tese de doutoramento em conservação e restauro.

[8] MARGALHA, Maria Goreti - *O uso da cal em argamassas no Alentejo*. Évora: Universidade de Évora, 1997. Tese de mestrado em recuperação do património arquitectónico e paisagístico.

[9] SANTOS, Marta - *As superfícies arquitectónicas da região do Algarve: Contributos para a salvaguarda dos revestimentos tradicionais*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2012. Tese de mestrado em reabilitação da arquitectura e núcleos urbanos.

[10] MENEZES, Marluci - *Técnicas tradicionais de revestimentos históricos exteriores. Relato de entrevistas com artífices sobre as técnicas tradicionais de revestimentos de cal*. Relatório 223/2012 – DED/NESO/NRI. Lisboa: LNEC, 2012.

[11] CABRAL, Clara Bertrand - *Património Cultural Imaterial*. *Convenção da Unesco e seus contextos.* Lisboa: Edições 70, 2011.

[12] CALDAS, João Vieira - *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2007. Tese de doutoramento em arquitectura.

[13] COSTA, Miguel Reimão - *Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve - Forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Faculdade de Arquitectura na Universidade do Porto, 2009. Tese de doutoramento em arquitectura.